

POR BRUNA CAROLINE, MARIA LUIZA MACHADO E VICTÓRIA SALERMO

RESPEITÁVEL PÚBLICO,

CIRCO

Após meses sem espetáculos por conta da pandemia da Covid-19, magia circense volta a emocionar plateias



Hoje tem palhaçada? Tem, sim senhor! Depois de, aproximadamente, um ano e meio vazio devido à pandemia da Covid-19, o picadeiro voltou a encantar o público, com palhaços, malabaristas, mágicos e outros artistas circenses. Apesar de estar um pouco diferente, com cadeiras espaçadas, lona levantada e um novo acessório comum a todos: máscara de proteção facial, o circo continua emocionando a plateia.

A retomada das atividades circenses ganhou força no segundo semestre de 2021, impulsionada pelo avanço da vacinação em massa contra o coronavírus e retorno de outras atividades econômicas. Depois de meses de dificuldades, a alegria toma conta das tendas circenses, mas os desafios persistem.

PERÍODO DIFÍCIL

A pandemia da Covid-19 provocou uma crise nos setores cultural e criativo no Brasil. Segundo pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), entre julho e setembro de 2020, as artes cênicas foram as mais afetadas com a perda total de receita para 63% dos profissionais. Nesse setor, a maioria dos artistas que atuam

na área de circo (77%) perderam a totalidade de suas receitas entre maio e julho.

Com a suspensão das atividades, os circos sofreram fortes impactos financeiros. O empresário Ramon Marambio, de Guarulhos (SP), explica que os artistas ganham cachês por apresentação. “Nosso circo vive da bilheteria. Se não vende ingresso, não entra dinheiro, não tem espetáculo, logo, não tem salário”, conta o dono do Circo Marambio.

Sem a tradicional fonte de renda, os artistas circenses precisaram se reinventar para garantir o sustento. Teve artista que virou vendedor, pedreiro, ajudante de obras, costureiro, entre outras ocupações. “Cada um se virou do jeito que pôde”, comenta Melissa Robattini, de Santos (SP), oitava geração de uma família circense vinda da Romênia, que roda o

Brasil no Las Vegas Circus.

“Para mim a pandemia deu início à extinção dos artistas de circo”, conta o dono do Big Brother Cirkus, Alessandro Lestar, de Maceió (AL). O empresário explica que alguns artistas se adaptaram tão bem à nova vida que não quiseram voltar ao circo.

Manter a forma foi outro desafio enfrentado pelos artistas. Com a tenda desarmada, muitos não conseguiram manter a rotina de treinos por falta de espaço. Sem treinar, os artistas perderam seus números circenses, o que impactou diretamente na retomada das atividades.

LEI ALDIR BLANC

Com o intuito de ajudar artistas de todos os segmentos durante a pandemia, o Governo Federal criou ações emergenciais especiais para auxiliar o setor cultural

ESTÁ DE VOLTA!



financeiramente.

A Lei Aldir Blanc foi aprovada em junho de 2020 pelo Congresso, e se tornou vigente em agosto do mesmo ano, distribuindo entre Estados e municípios uma quantia de, aproximadamente, R\$ 3 bilhões. O valor repassado para cada artista beneficiado é de R\$ 600 mensais.

Ramon Marambio conta que foi difícil motivar os artistas circenses durante o período da pandemia, mas que o auxílio emergencial conseguiu ajudar neste processo.

"A motivação sempre é algo muito particular de cada um, não dá para generalizar. O que motiva

"Para mim a pandemia deu início à extinção dos artistas de circo",

*Alessandro Lestar,
proprietário
Big Brother Cirkus*



um, não motiva o outro. Porém, auxiliamos na escrita de projetos e inscrições em editais para participarem da Lei Aldir Blanc, e agregamos às apresentações de todos em espetáculos online distribuindo o cachê. Além disso, mantivemos uma estrutura mínima montada que permitiu ensaios e treinamentos", comenta Ramon.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) chegou a divulgar um estudo que estimou que 700 mil pessoas poderiam ser beneficiadas pela Lei Aldir Blanc, incluindo artistas circenses.

Além dos profissionais, algumas instituições também puderam ser beneficiadas para cumprir com manutenções de seus espaços, entre elas: teatros independentes, escolas de música, circos, cineclubes, centros culturais, biblioteca comunitárias, livrarias, produtoras de cinema e audiovisual, ateliês de pintura, moda, design e artesanato.

"Após alguns meses, recebe-

mos o auxílio oriundo da Lei Aldir Blanc e, com isso, conseguimos realizar manutenção e disponibilizar verba para a companhia. Alguns integrantes também foram beneficiados individualmente pela Lei Aldir Blanc, outros conseguiram o auxílio emergencial do governo federal", conta o empresário Ramon Marambio.

RETOADA

Senhoras e senhores, o circo voltou com tudo! Após mais de um ano sem interação com plateia animada, palhaço fazendo palhaçada e cheiro de pipoca amanteigada no ar, artistas que vivem do circo de lona retomam as atividades. Cumprindo os decretos locais, está liberado, com algumas restrições, viver diversas emoções outra vez junto às atrações e espetáculos no picadeiro.

Estacionado em São José dos Campos, até o final de novembro deste ano, na avenida Olivo Gomes, em Santana, ao lado do Parque Roberto Burle Marx - Parque da Cidade, o Las Vegas Circus é um dos milhares de circos que teve que pausar a rotina de apresentações e contato com o público durante o período de pandemia da Covid-19. "Nosso sustento vem da lona, então imagina! Graças a Deus o pessoal do circo está acostumado com imprevistos", comenta Melissa Robattini.

Em Guarulhos, o empresário Ramon Marambio conta que a retomada das atividades tem sido acompanhada de grandes adversidades no quesito localização e verba. "Neste momento os alugueis estão caros, e o nosso público,



feito em sua maioria por classes mais populares, foi bastante afetado [financeiramente] pela pandemia. Portanto, ainda não conseguimos uma boa bilheteria e um terreno mais promissor. Até o momento estamos trabalhando para pagar o básico".

Também com planos de permanecer em São José dos Campos até novembro deste ano com o Big Brother Cirkus, que está localizado no bairro Vila Industrial, o empresário Alessandro Lestar conta que a retomada das ativida-

des tem sido melhor do que o esperado. "A gente estava com muito medo de como o público iria reagir, mas está surpreendendo. Eu acho que mais que tudo é o ânimo, os artistas também vivem dia a dia. O mais forte é manter a animação".

De acordo com Melissa Robattini, quando o Las Vegas Circus foi para Guaratinguetá, cidade em que retomou as atividades, os artistas também estavam com receio do que encontrariam pela frente e o maior dos medos era o de não conseguirem o público esperado. Porém, a realidade foi con-

trária

ao pensamento da trupe circense. "A gente se surpreendeu muito, muito, muito! Várias pessoas estão indo ao circo", confirmou a artista. "Desde então, a gente já fez apresentações em Campos de Jordão e, agora, em São José dos Campos. O público nos acolheu", completou.

UM NOVO COMEÇO

Adaptações tiveram que ser feitas nos circos, assim como em todos os outros locais que demandam grande quantidade de pessoas. Restrições foram colocadas e novos hábitos adquiridos para

que o espetáculo não só fosse mágico, como também seguro. Para isso acontecer, álcool em gel é disponibilizado a quem quiser, medição de temperatura é realizada na entrada, capacidade de lotação reduzida para manter o distanciamento e a utilização de máscara pela plateia é obrigatória.

Apesar de todas as adversidades, a pandemia acabou se tornando um momento de aprendizado e evolução para Melissa e para a equipe circense. "Nós aprendemos a dar valor se ao menos uma pessoa está na plateia. Todo o trabalho para fazer aquele espetáculo acontecer vale a pena", afirma.

Além disso, a artista comenta sobre a alegria ímpar em trazer de volta um público inativo para essa atividade mágica e cultural: os jovens. "A gente se surpreendeu bastante em resgatar o público jovem", afirma Melissa. Ela conta que o Las Vegas Circus teve a preocupação de se adaptar e transformar as atrações em momentos inesquecíveis para todas as faixas etárias. "O espetáculo é da criança ao adulto", conclui a artista.

